



## REPRESENTAÇÕES SIMBÓLICAS E IDENTIDADES CULTURAIS EM *O CACHIMBO DE FELIZBENTO*, DE MIA COUTO



## SYMBOLIC REPRESENTATIONS AND CULTURAL IDENTITIES IN *O CACHIMBO DE FELIZBENTO*, MIA COUTO

SAYONARA SOUZA DA COSTA

VANESSA RIAMBAU PINHEIRO

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | AS AUTORAS  
RECEBIDO EM 26/06/2020 • APROVADO EM 24/12/2020

---

### Abstract

---

Aspects concerning socio-historical representations are important elements pertaining to the identity formation of a country's cultural imaginary. Literature can become a mechanism to disseminate such questions, since it absorbs much of the moment that a community is or has been going through, and is thus an important investigation source. In this sense, we intent to analyze the representation of Mozambican symbolic and cultural aspects from reading the sort story *O cachimbo de Felizbento*, which integrates the collection titled *Estórias abensonhadas* (2012), written by Mozambican author Mia Couto. We will seek, in the aforementioned text, to verify how such representation focuses on the identity formation of the post-colonial subject. As theoretical support, we will use postulates developed by Stuart Hall (2003; 2006; 2009), Jane Tutikan (2006), and Chevalier (2010), among others.

---

**Resumo**

---

Aspectos concernentes às representações histórico-sociais são elementos importantes no que diz respeito à formação identitária do imaginário cultural de um país. A literatura pode tornar-se um mecanismo para difundir tais questões, visto que ela absorve muito do momento pelo qual passou e/ou tem passado uma comunidade, sendo assim uma importante fonte de investigação. Neste sentido, objetivamos analisar a representação de aspectos simbólicos e culturais moçambicanos a partir da leitura do conto *O cachimbo de Felizbento* que integra a coletânea **Estórias abensonhadas** (2012), escrita pelo autor moçambicano Mia Couto. Buscaremos, no texto mencionado, verificar de que forma tal representação incide na formação identitária do sujeito pós-colonial. Como aporte teórico, utilizaremos os postulados desenvolvidos por Stuart Hall (2003; 2006; 2009), Jane Tutikan (2006) e Chevalier (2010), entre outros.

---

**Entradas para indexação**

---

**KEY WORDS:** Mozambican Literature. Symbolology . Identity. Mia Couto. *O cachimbo de Felizbento*.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura moçambicana. Simbologia. Identidade. Mia Couto. *O cachimbo de Felizbento*.

---

**Texto integral**

---

Constitutivo da coletânea **Estórias Abensonhadas** (2012), o conto *O cachimbo de Felizbento*, do escritor moçambicano Mia Couto, traz em sua diegese aspectos simbólicos representativos da nação africana, como a terra e a árvore. O enredo tem como personagem principal Felizbento que, onomasticamente, já carrega a felicidade e a bênção. Morando em um lugar tranquilo, vivendo uma vida sossegada, o personagem vê tudo mudar quando a guerra chega ao seu território e funcionários do governo vigente solicitam que os moradores daquela área se retirem.

Este homem, por sua vez, não aceita sair e deixar suas árvores; para ele, elas têm grande importância, tanto que uma delas é considerada sagrada. O amor pela terra e pelas árvores faz com que Felizbento escave a terra com a finalidade de retirá-las pelas raízes. Sua esposa estava desacreditada com o que via e tentou seduzi-lo para que esquecesse esta ideia, mas ele estava determinado a salvar as árvores.

Se Felizbento não podia mais estar sobre a terra, decidiu estar embaixo dela. Ele, então, some em um buraco sob uma árvore e ao redor de seu cachimbo cresce uma planta verde e vistosa. A árvore esfumaça como quem fuma, e a mulher de Felizbento enxerga no símbolo da fumaça a vida do seu marido: “não existe dúvida: embaixo de Moçambique, Felizbento vai fumando em paz o seu cachimbo” (COUTO, 2012, p. 51). Ela espera, assim, a restauração da paz.

Um elemento que consta desde o título do conto é o cachimbo, certamente um objeto que não aparece aleatoriamente. Desde culturas antigas como a indígena, por exemplo, o elemento cachimbo tem grande representação e pode inclusive delimitar a paz ou a guerra. Vejamos o que Chevalier nos diz a respeito da representação do cachimbo:

O cachimbo [...] representa o Homem Primordial, erguido no centro do Mundo, portanto no Eixo do Mundo, a realizar através da prece que a fumaça do tabaco materializa – fumaça essa que nada mais é senão o sopro, a alma – a união das forças ectonianas e do Deus Supremo. [...] a fumaça sagrada que evolva do cachimbo, cujo forninho é um altar, e cujo tubo é o conduto do sopro vital. (CHEVALIER, 2009, p. 159).

Como vimos, o ato de utilizar o cachimbo vem desde os primórdios da sociedade. É a representação da matéria que se torna fumaça, é a capacidade do homem de transformar um elemento de um determinado estado físico em outro usando a força dos seus pulmões. Para tornar-se fumaça, o homem precisa utilizar da força do seu sopro vital. Embora pareça um objeto sem muito valor, o cachimbo transforma algo que está em um estado físico sólido - o fumo -, em algo de outro estado físico, a fumaça. Existe aí um poder de transformação da matéria, tornando-se assim, um objeto que exprime certa superioridade.

A narrativa bíblica da criação do homem diz que, para que existisse vida, Deus soprou em suas narinas e a partir daquele momento o homem vive. Para que o tabaco dentro do cachimbo se torne fumaça, é necessário que o homem use do seu fôlego, assim, esta fumaça também é o sopro da alma. No caso de Felizbento, a fumaça torna-se representação do fôlego e luta para salvar um elemento sagrado, a árvore e não apenas isto, salvar também a cultura e identidade do seu povo.

Durante toda a narrativa o elemento fumaça/fumo tem grande relevância, além de estar diretamente relacionado ao elemento cachimbo, também serve como analogia para diferentes aspectos, como a questão da brevidade do tempo, já que a fumaça é bastante efêmera, ao passo que podemos vê-la, rapidamente vem a desaparecer. Como temos exposto até agora, a literatura carrega em si esta vontade de (re)contar a história por meio de suas ferramentas, em especial a literatura a qual estamos tratando, a moçambicana, que por meio dos textos literários vem, cada vez mais, destacar a cultura, os costumes e a história de sua nação. Isto fica evidenciado logo no início deste conto:

Toda a estória se quer fingir verdade. Mas a palavra é um fumo, leve demais para se prender na vigente realidade. Toda a verdade aspira ser estória. Os factos sonham ser palavra, perfumes fugindo do mundo. Se verá neste caso que só na mentira do encantamento a verdade se casa à estória. (COUTO, 2012, p. 47).

A partir da leitura deste início do conto, já podemos ter uma visão ampla do que vamos encontrar ao longo do texto. Tudo que é narrado tem aspiração a ser real, mas a palavra, aqui comparada ao fumo, é leve e, por isto mesmo, difícil de prendê-la. O texto literário é ficcional, mas existe uma linha bastante tênue entre a realidade e a ficção. Uma das características para que um texto literário cativa seu leitor é a verossimilhança, isto, claro, a depender do gênero. Quando o leitor se deleita no

enredo e não consegue separar aquilo que ele acredita ser o limite entre o que é real e o que não é, surge um sentimento de encantamento e apropriação daquilo que se lê, de maneira que o mesmo chega a crer que seja, de fato, verdade. E, por este motivo, é que a primeira frase escrita neste conto seja “Toda estória se quer fingir verdade”, a palavra a qual podemos aqui destacar é “fingir”. Podemos defini-la como algo que simula determinada realidade ao seu interlocutor; desta maneira, trazendo para nossos estudos pós-coloniais, quando colocamos a estória enquanto mecanismo para re(contar) o que se passou naquela localidade, estamos também o fazendo de modo a apropriar-se do seu sentimento de nacionalização e a busca por mostrar aos outros o que foi vivido por uma olhar diferente, fugindo daquilo que o colonizador registrou, buscando através de sua memória um (re)começo. Portanto, não coloquemos o “fingir verdade” como algo de peso negativo, muito pelo contrário, é um modo de rememoração da história através da ficção.

“Os factos sonham ser palavra, perfumes fugindo do mundo”. Neste outro excerto retirado ainda do primeiro parágrafo do conto, percebemos a importância de algo ser contado, não importando se será por meio de palavras escritas ou faladas, desde que avancem mundo a fora. “Os fatos sonham ser palavra”; se existe uma força que move o mundo é a palavra, pois ela consegue imortalizar a história.

A partir do momento em que se torna palavra, consegue mover-se aos mais diversos lugares, perpassando o tempo e as adversidades. Mas e os “perfumes fugindo no mundo”? O perfume é algo extremamente marcante. Ele consegue despertar os mais diversos sentimentos através do olfato: pode trazer a memória pessoal, fases da vida, uma comida favorita..., entretanto, ele também tem outra característica: a volubilidade. O perfume, por onde passa deixa seu rastro, sua marca e, portanto, alcança muitos lugares, pois facilmente muda de direção e é carregado pelo vento. Por este motivo os fatos se fingem verdade e querem ser como o perfume que foge pelo mundo, pois podem se lançar às mais diversas orientações e distâncias.

Ainda nessa passagem, observemos a seguinte frase: “[...] só na mentira do encantamento a verdade se casa à estória”. Encontramos até aqui duas palavras relacionadas a algo que não é a verdade: o fingir e a mentira; se estão aqui, não foram utilizadas aleatoriamente. O passado não pode ser apagado, mas pode ser reavivado a partir de uma ótica diferenciada, de modo que ele não será excluído, mas otimizado para que aqueles que o conhecerão possam fazê-lo de uma maneira mais livre e leve, como o próprio fumo. Às vezes, durante a vida, é necessário que contemos a verdade de uma forma mais amena, para que não cause um maior prejuízo àquele que a ouvirá. Não deixará de causar o desconforto, mas será menos impactante, é justamente este aspecto de amenizar a dor e contar de outro modo a verdade, o que está diretamente relacionado às questões de utilizar o irreal como explicação a realidade ou a história.

Estes elementos relacionados ao mágico, ao maravilhoso, ao fantástico, ao insólito são bastante recorrentes em escritos de Mia Couto, visto que o autor utiliza em seus contos estes elementos para (re)contar histórias que remetem a história de Moçambique por um viés mágico: “A literatura luso-africana, ou, pelo menos, a moçambicana, invadia, desse modo, o mundo maravilhoso, mágico, fantástico dos mitos, das lendas, do folclore, das crenças locais.” (GARCÍA, 2010, p. 95). Desta maneira, o texto consegue alcançar dimensões ainda maiores, pois os leitores têm a

oportunidade de enxergar além das letras. Pensar no elemento árvore é levar em consideração os aspectos que perpassam os valores atribuídos a ela, conhecendo a formação e o agrupamento de conhecimentos de uma etnia.

É importante ressaltar que estas escritas pós-coloniais trazem consigo a história como elemento de valor a ser acrescido às narrativas. Os próprios escritores vislumbram mostrar esta veracidade. Um exemplo disto é o que Mia Couto faz, vejamos:

Quanto a Mia Couto, Pires Laranjeira (1995) o caracterizou como o “sonhador de verdades, inventor de lembranças” e, ele de fato o é, colocando-se entre aqueles que combinam a arte do Ocidente, a inspiração da cultura não ocidental e, peculiarmente, uma admirável linguagem plástica. (TUTIKIAN, 2006, pp. 28-29).

A importância de pensar em elementos culturais contidos do texto é compreender o espaço e porque determinados elementos fazem parte deste, podemos dar como exemplo a árvore, que é repetidamente citada no conto. Vejamos a simbologia atrelada a este elemento:

Símbolo da vida, em perpétua evolução e em ascensão para o céu, ela evoca todo simbolismo da verticalidade [...] a árvore põe igualmente em comunicação três níveis do cosmo: o subterrâneo, através de suas raízes sempre a explorar as profundezas onde se enterram; a superfície da terra, através de seu tronco e de seus galhos inferiores; as alturas, por meio de seus galhos superiores e de seu cimo, atraídos pela luz do céu. (CHEVALIER, 2009, p. 84).

Observemos algumas passagens as quais este elemento aparece, são elas: “– Se vou sair daqui tenho que levar todas essas árvores” e “ No dia seguinte, o homem pôs-se a desenterrar as árvores, escavando pelas raízes. Começou pela Árvore sagrada do seu quintal”. Outra definição para o símbolo árvore é:

Poderosa representação do reino vegetal, era frequentemente venerada como símbolo de seres divinos ou lugar de morada de poderes numinosos. [...] é sobretudo símbolo do renascimento da vida que constantemente vence a morte, enquanto a conífera sempre verde é símbolo da imortalidade. (BECKER, 1999, p. 29).

Como vimos, a árvore é um elemento de extrema importância nesta narrativa e consegue estar em três dimensões. Ao passo que suas raízes estão atreladas a terra, seu tronco é como se estivesse em uma posição intermediária e sua copa atinge o céu. Talvez por isso mesmo seja considerada sagrada, esta capacidade de permear vários espaços a torna especial.

Com um significado importante na cultura africana, a árvore é um símbolo de identidade nacional e do misticismo, além de representar o envolvimento entre o homem e a natureza. Uma das espécies de árvore símbolo da África é o Baobá, embora no conto não tenhamos em detalhamento a qual grupo pertence às árvores de Felizbento, tomaremos como referência esta, para que possamos reconhecer uma pequena amostra do valor atribuído a ela.

Dignificados enquanto marco identitário, os Baobás confirmam um mandato repassado por gerações que habitam o reino dos antepassados, ciosamente resguardado em nome da tradição. Assim, bem mais do que uma árvore, o Baobá é, por excelência, o guardião de sentidos e significados endossados pelos povos da África, pelas suas sociedades e culturas, seus modos de ser, suas aspirações, expectativas de vida e religiosidade. (WALDMAN, 2011, p. 225).

Esta espécie tem como característica ser uma árvore grandiosa, com troncos imensos e copas altas, ela é suntuosa e se apresenta de maneira majestosa, graças a suas características desenvolvidas. Por terem uma longa duração, podem perpassar gerações, pautada em sua significação consegue reger diversos momentos vivenciados pela comunidade. É comum encontrar em lugares arborizados pessoas reunidas à sombra das árvores, é um momento de comunhão entre os sujeitos e, este elemento é testemunha de tantas situações e vidas que por ali passaram, tornando-se muitas vezes abrigo.

Enquanto elemento representativo de uma força poderosa, devemos refletir na conexão estabelecida, uma árvore pode durar séculos e continuar saudável e bela ao longo dos anos. A longevidade é algo que muitos dos indivíduos gostariam de possuir, a vida plena, próspera e duradoura ainda é um desejo humano. Se os sujeitos assim desejam, não é diferente pensar também nas relações da comunidade e de um povo, estes também buscam perpetuar seus costumes e hábitos, para que possam ser lembrados pelos feitos e formação nacional ao qual estabeleceram. Vejamos, então, o que nos diz Waldman (2011) acerca da equiparação entre a árvore e o povo africano:

Nesta via de entendimento, a robustez da árvore e a capacidade em sobreviver por séculos, refletem a perpétua disposição dos povos africanos em continuar a manter sua presença no tempo e no espaço. Ademais, explicitando-se enquanto referência espiritual da vida comunitária. (WALDMAN, 2011, p. 225).

Fica evidenciado o porquê da sacralidade deste componente da cultura africana; é na sutileza dos detalhes que tomamos conhecimento daquilo que é preciso ser preservado. Assim, vimos como este elemento é essencial para a narrativa; o elemento árvore é um item crucial para o entendimento das relações

entre o homem e a natureza, indo muito além, tornando-se um símbolo de identidade nacional, construído culturalmente e que foi defendido por nosso personagem Felizbento.

Embora tenhamos percebido que este elemento não era tão relevante para os demais personagens que compunham o ambiente social retratado – afinal, a constituição da identidade não é homogênea e, portanto, a mesma comunidade pode vir a ter unidades diferenciadas -, o nosso personagem principal cuida para que as árvores não venham a morrer, pois, se assim acontecesse, seria também a morte da cultura local.

Após a esposa de Felizbento perder as esperanças de seu retorno, o inusitado acontece: Felizbento resolve voltar a superfície. Ele faz um pedido a sua esposa, que preparasse e passasse sua roupa; não qualquer peça, mas seu fato, uma espécie de paletó. Este tipo de vestimenta não é utilizado com frequência, pois remete a vestuário utilizado em ocasiões especiais: “Há mais de trinta anos que aquela roupa não cumpria cerimônia” (COUTO, 2012, p. 50). Outro pedido de causar estranheza foram os sapatos, pois ele estava acostumado a andar descalço, tanto que os mesmos não couberam em seus pés disformes; mesmo assim, ele saiu com eles.

É interessante pensar no motivo pelo qual ele foi buscar sua vestimenta e seu sapato: antes, quando estava sobre a terra, andava sempre descalço, seu corpo estava em contato direto com a terra, o chão, que é sinônimo de vida, de existência. A terra tem uma importância fundamental na vida humana, é dela que tiramos nossa subsistência e, por este motivo a consideramos como mãe.

A terra simboliza a função maternal: Tellus Mater. Dá e rouba a vida. [...] A terra simboliza a mãe, fonte do ser e protetora contra qualquer força de destruição. [...] Identificada com a mãe, a terra é um símbolo de fecundidade e regeneração. Há enterros simbólicos, semelhantes à imersão batismal, [em que] a ideia é sempre a mesma: regenerar pelo contato com as forças da terra, morrer para uma forma de vida, para renascer em uma outra forma. (CHEVALIER, 2009, pp. 879-880).

Com os pés sempre tocando o chão, Felizbento estava em conexão direta com a força da natureza, mesmo que fosse sobre ela. Mas, ele resolve que quer estar muito mais próximo, adentra esta força maternal, e o uso do paletó e dos sapatos surge como se fosse um meio de sepultar-se. A terra também é um elemento sagrado, pois pode ser considerada tanto a que gera como também a que sepulta. Vejamos mais uma de suas simbologias:

Na mitologia muitas vezes aparece como divindade feminina. Os mitos sobre a origem do mundo [...] também é simbolicamente comparada com o útero. Todavia, a Terra não é só o seio donde nasce toda vida, mas também a sepultura para a qual volta. Por isso o seu conteúdo muitas vezes corresponde à figura ambivalente da “Grande Mãe”. (BECKER, 1999, p. 29).

Assim, Felizbento vê na terra um meio de doar sua vida, somando tantos anos e lutando para que a representatividade de sua cultura não padeça, o chão é o que o aguarda, pois foi nele que fincou suas raízes e amor pela sua comunidade.

Outro ponto que vale destacar é a avançada idade de Felizbento: em meio a sua velhice, andando com seus sapatos que não comportavam mais seus pés, mostra que sua força já estava longe de ser aquela da juventude, pois “arrastava-se pelo chão”. A descrição que temos a respeito do seu corpo é a seguinte: “E lá se foi, dobrado como caniço, nessa infância que só na velhice se encontra” (2012, p. 50). É comum chegar a uma idade já avançada e a coluna vertebral não manter mais aquela postura ereta de outrora. A velhice faz o homem envergar e ter uma estatura menor, por isso é comparado à criança ou a algo que remete à infância. Mas a velhice não é sinônimo de algo ruim, pelo contrário; se visto por outro aspecto, é algo de suma importância na sociedade.

Mesmo não havendo uma unidade no tratamento dispensado aos idosos pela sociedade, pois este sempre variou conforme a época e o local, nas sociedades em que foram exaltados, o que se constata é o domínio social dos mais velhos em relação à apropriação do saber, que se refletia na memória, autoridade e acumulação de bens. Assim, a velhice era reconhecida socialmente, tinha um valor simbólico. (BLESSMAN, 2004, p. 23).

Como vimos, a velhice também pode vir a ser sinônimo para a sabedoria. No caso de Felizbento, a sua velhice não permitiu que ele deixasse para trás aquilo que acreditava ser importante para preservação da sua cultura. O amor, a terra e os costumes de sua comunidade o fizeram ir além de suas forças físicas, mostrando a sabedoria que os anos trouxeram.

Depois de ter resolvido o que tinha para ser feito na superfície, Felizbento entra mais uma vez na terra, mas, pela última vez, olha para trás, remexe a bolsa à procura de algo: o cachimbo. Encontra-o, mas o seu gesto agora se difere, não vai fumá-lo: “Tirou o velho cachimbo e revirou-o sob a luz trémula do candeeiro. Depois, com gesto desanimado, atirou-o fora. Era como se atirasse toda a sua vida” (COUTO, 2012, p. 50). Ele deixa para trás o objeto que o marcava, o cachimbo: “O cachimbo lá ficou, remoto e esquecido, meio enterrado na areia. Parecia a terra aspirava nele, fumando o inutensílio. Felizbento ingressou no buraco, desaparecendo” (COUTO, 2012, p. 50). O cachimbo era uma marca de Felizbento, assim como ele perdeu-se, seu dono também, ao entrar no buraco escavado para retirada da árvore, desaparece.

Chegamos ao ponto final de análise desta narrativa e, deste modo, traremos de volta um elemento anteriormente já discutido, a fumaça, pois ela tem uma função determinante para o desfecho deste conto. É através dela que a mulher de Felizbento tem certeza da presença do seu marido. “Símbolo da união entre céu e a terra, o espírito e a matéria. A coluna de fumaça às vezes é relacionada com o – eixo do mundo, - cachimbo da paz, - incenso.” (BECKER, 1999, p. 136).



A fumaça do cachimbo de Felizbento, além de ser a prova de sua existência e continuação embaixo da terra, é também a ligação entre o homem e a natureza. Ainda trazendo para perspectiva da narrativa bíblica, o homem veio do pó (da terra) e para ela tornará, diz a passagem bíblica do Gênesis 3:19: “Com o suor do teu rosto comerás o teu pão, até que voltes ao solo, pois da terra foste formado; porque tu és pó e ao pó da terra retornarás!” Assim, podemos pressupor que o elo entre o homem e a terra existe desde a sua criação.

Felizbento acaba tornando-se também uma espécie de mito relacionado a Moçambique, pois não é mais visto, tem-se apenas a evidência de sua existência através da fumaça que emana da terra: é o guardião do elemento sagrado, a árvore e sob ela espera que o período de liberdade e paz do seu povo seja pleno. Ele é um representante da luta para manter as tradições do seu povo que, mesmo afrontado por aqueles que detinham o poder, não se manteve inerte diante da situação.

Para fazermos a associação de Felizbento ao mito, precisamos entender como tal conceito funciona em meio ao social. Se ele existe, é porque mantém uma finalidade específica que tange o indivíduo e seu comportamento humano. Pensar na ideia de mito é também observar que precisamos de explicações acerca de muitas indagações feitas pelo sujeito, afinal, não temos respostas para tudo e o mito vem para colaborar com tais questionamentos. É uma maneira de explicar o que muitas vezes não tem explicação racional. O conceito de mito facilmente pode ser atrelado às questões voltadas para a religião, isto porque uma das mais conhecidas narrativas míticas é a bíblia sagrada, que retrata desde a criação do universo e do homem até o regresso do Salvador da humanidade. Vejamos, pois, um conceito do que é o mito:

Mitos são histórias de nossa busca da verdade, de sentido, de significação, através dos tempos. Todos nós precisamos contar nossa história, compreender nossa história. Todos nós precisamos compreender a morte e enfrentar a morte, e todos nós precisamos de ajuda em nossa passagem do nascimento à vida e depois à morte. Precisamos que a vida tenha significação, precisamos tocar o eterno, compreender o misterioso, descobrir o que somos. (MOYER, 2007, p. 16).

Como podemos observar, estamos sempre em busca de significação daquilo que nos foge o conhecimento. Ao trazer para a narrativa a qual estamos em análise, pensemos no motivo pelo qual a simbologia da fumaça é tão forte, assim como também, a árvore sagrada, estes dois elementos que, apesar de estarem diretamente relacionados ao personagem do enredo, trazem consigo também a perpetuação da identidade moçambicana. A fumaça é a representação de Felizbento dentro do buraco no qual adentrou: a árvore, símbolo da crença na natureza, no amor ao seu lugar, nos elementos da terra.

Nessa narrativa, Felizbento assume o papel de guardião dos costumes locais e, por isso, empenha tanto esforço para a retirada das árvores do seu quintal. Faz isso sozinho, pois até sua esposa não queria que ele tomasse tal atitude, traz para si a responsabilidade por aquele patrimônio, não de valores materiais, mas de cultura

e crença. Assim, ele passa a ser responsável pelo brotar de uma nova planta, que tem seu nascimento atribuído a seu objeto de pertença, o cachimbo.

No caso das identidades nacionais, é extremamente comum, por exemplo, o apelo a mitos fundadores. As identidades nacionais funcionam, em grande parte, por meio daquilo que Benedict Anderson chamou de “comunidades imaginadas”. Na medida em que não existe nenhuma “comunidade natural” em torno da qual se possam reunir as pessoas que constituem um determinado agrupamento nacional, ela precisa ser inventada, imaginada. É necessário criar laços imaginários que permitam “ligar” pessoas que, sem eles, seriam simplesmente indivíduos isolados, sem nenhum “sentimento” de terem qualquer coisa em comum. (SILVA, 2000, p. 85).

Assim, a postura de Felizbento em salvar o que julgava ser importante para a comunidade, o fez tornar-se uma espécie de mito: não um fundador da nação, mas aquele responsável por manter as tradições, mesmo havendo forças contrárias a isto. A ligação entre os fatos ocorridos com o personagem e as pessoas que estavam no entorno, vem no momento em que eles têm contato com o local onde a árvore sagrada encontra-se, e dão suas explicações para o crescimento daquela nova planta.

Vejamos o excerto de encerramento deste conto: “Em baixo de Moçambique, Felizbento vai fumando em paz o seu velho cachimbo. Enquanto espera a maiúscula e definitiva Paz.” (COUTO, 2012, p. 51). O trecho é carregado de significado, pois o personagem vive em uma situação diferente daquelas pessoas que estão presas à guerra civil. No lugar onde se encontra, vive em paz. Embora esteja protegido no local em que escolheu ficar - a terra -, não esqueceu que seu lugar de origem é a superfície e ele espera que finalmente a paz seja definitiva.

De posse do que vimos até aqui, percebemos a importância da preservação das raízes culturais de uma nação, pois elas compõem as questões voltadas para a identidade. A partir dos postulados de Castells (1999), entendemos que é nesta construção baseada na cultura local que o sujeito apropria-se da sua formação identitária, mesmo que, como afirma Hall (2006) ela não seja puramente homogênea, visto que é possível que a multiplicidade de ideias venha a gerar outras identidades.

Assim, a busca da identidade, nesse fim/início de século, passa necessariamente, pela recuperação de certos valores autóctones de raízes específicas, mas para o estabelecimento de novas articulações ou novas negociações: seja para tentar resgatar a tradição, seja para tentar construir uma nova tradição, buscando, através da derrubada ou do resgate de mitos, uma ideia mais próxima daquilo o que é o homem, a nação, e a identidade nacional ou cultural e política contemporaneamente, isto é, diante das movimentações espaço-culturais da História recente. (TUTIKIAN, 2006, p. 16).

Baseado nestes elementos de grande importância para a construção nacional, principalmente em lugares cuja formação passou por diversos problemas políticos e sociais, como é o caso de Moçambique, é esta (re)escritura da história, através da literatura, que passa a ser peça fundamental para (re)organização nos valores fundamentais da nação. Torna-se transparente o empenho de escritores na luta pela preservação cultural por meio da arte da escrita, esta que consegue avançar cada dia mais, chegando aos espaços longínquos e refletindo acerca do passado e do presente, unindo-os na formação da identidade nacional da sua comunidade.

No caso do enredo aqui analisado, percebemos que Felizbento é fruto desta construção da cultura local, ou, como chamou Hall (2009), identidade cultural que liga o passado ao futuro, preservando a tradição. Isto é evidenciado pelo apego ao que concerne o elemento terra e árvore, que como já vimos são símbolos poderosos da cultura africana. Se por um lado temos a preocupação deste homem por manter estes laços, por outro, temos o exemplo de sua esposa que não aparenta ter o mesmo sentimento em relação às inquietações do seu marido. Assim percebemos que, embora partilhem da mesma comunidade e conheçam a mesma cultura, os valores atribuídos a ela por cada um dos personagens é diferenciada, o que deixa evidente a heterogeneidade cultural presente nesta narrativa e a pluralidade identitária que uma mesma comunidade pode vir a ter.

A terra aparece como mecanismo de apego pelo personagem principal; para ele, a mesma tem extrema importância na sua vivência. Mas, se a terra desperta esta relevância para este homem, as árvores, que são consideradas sagradas, estão no foco de sua luta por saltar o que acreditava ser valoroso, não só para ele, mas para o seu povo. Apesar de sua esposa tentar seduzi-lo para que abandonasse a ideia de cuidar e resgatar as suas queridas plantas, ele se nega e as escolhe no lugar da esposa.

Resgatar as árvores é também reencontrar suas raízes culturais, visto que o elemento árvore tem uma significação de ordem espiritual/religiosa. A terra é o meio pelo qual mantém vivo o componente sagrado tão importante, servindo assim como intermediadora. A árvore e suas raízes ocupam o solo, o chão e assim é a relação com a terra como representação dela como mãe, fertilidade. A terra é o elemento que, ao mesmo passo que representa a fecundidade e a vida, também é aquela que sepulta e, portanto, está dentro de duas dimensões: a vida e a morte, andando lado a lado.

O cachimbo igualmente é um elemento crucial dentro de nosso enredo. É a partir da fumaça a qual ele emana que temos a convicção de que o homem que adentrou a terra para habitar junto as suas raízes, ainda vive. A fumaça que emana de maneira sobrenatural é a marca de Felizbento, que por sua coragem, conseguiu manter em seu território, traços da identitária local, tornando-se uma espécie de mito, pois todos os que passavam pelo local, rememoraram o fato ocorrido. Assim, Felizbento cumpre a sua missão, embora, para outros, aquele ato tenha sido desvalorizado, como para a sua própria esposa que tenta impedi-lo, para ele tem uma importância quase que divinizada. Mexer com a sacralidade de sua terra é desrespeitar as crenças locais e, portanto, influenciar para que se perca com o passar dos anos, o que justamente ele fez para impedir que acontecesse.

Assim, podemos inferir que a identidade construída por nosso personagem Felizbento é fortalecida e pautada nos aspectos culturais de sua comunidade. O elemento árvore, como símbolo forte de identificação, coloca este enredo num viés que tange a composição de símbolos e representações como molde identitário. Logo, sua busca por manter estes elementos o coloca dentro de uma composição fortalecida de identidade cultural e nacional.

Percebemos, assim, que, apesar de existir uma pluralidade referente às construções identitárias, elas não entram em confronto, pelo contrário, vislumbram um fortalecimento referente ao seu país e a construção do que podemos chamar de moçambicanidade.

---

### Referências

---

BECKER, Udo. **Dicionário de símbolos**. Tradução de Edwino Rayer. São Paulo: Paulus, 1999.

**BÍBLIA SAGRADA**. Tradução de João Ferreira de Almeida. 4ª ed. Barueri - SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

BLESSMAN, Eliana Jost. Corporeidade e envelhecimento. O significado do corpo na velhice. **Estudos Interdisciplinares Envelhecimento**. Porto Alegre, 2004. v. 6. pp. 21-39

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHEVALIER, Jean, GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos** (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números). 23ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

COUTO, Mia. **Estórias abensonhadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

GARCÍA, Flávio. Questões de identidade em artigos de opinião do moçambicano Mia Couto. **Nonada Letras em Revista**. ano 13, n. 15. Porto Alegre: 2010. pp. 89-101.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**; Org. Liv Sovik; Tradução: Adelaine La Guardia, Ana Caroline Escosteguy, Cláudia Álvares, Francisco Rudiger, Sayonara Amaral. 1ªed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

HALL, Stuart. WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**. Organização de Tomaz da Silva. 6ª ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 2006.

MOYER, Bill. CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 2007.

SILVA, Tomas Tadeu. In: HALL, Stuart. WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**. Organização de Tomaz da Silva. 6ª ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 2000. P.73-102

TUTIKIAN, Jane. **Velhas identidades novas**: o pós-colonialismo e a emergência das nações de língua portuguesa. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2006.

WALDMAN, Maurício. O baobá na paisagem africana: Singularidades de uma conjugação entre natural e artificial. **África**: Revista do Centro de Estudos Africanos da USP. Número especial. São Paulo: 2011. pp. 223-236. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/africa/article/view/102638>>. Acesso em: 25 jul. 2017.

---

#### Para citar este artigo

---

COSTA, S. S. da.; PINHEIRO, V. R. Representações simbólicas e identidades culturais em O cachimbo de Felizbento. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 10, n. 1, 2021, p. 537-549.

---

#### As Autoras

---

SAYONARA SOUZA DA COSTA é doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba. Membro dos grupos de pesquisa GeÁfricas e Moza.

VANESSA RIAMBAU PINHEIRO é professora adjunta da Universidade Federal da Paraíba, onde atua na graduação e na pós-graduação. Possui pós-doutorado em Estudos Africanos pela Faculdade de Letras de Lisboa, concluído em 2017. Coordena o grupo de pesquisa GeÁfricas.